

# TEMPO DE HAVER

(os relógios da psicanálise ou o suicídio da borboleta)\*

MD Magno

Para Marcio Tavares d' Amaral,  
homem decente em tempos cínicos.

#1. A verdade sobre a **Pulsão** (isto é, o/a **Tesão**, que Freud chamou de *Trieb*) é que ela é **de morte**. Sendo que a dita **de vida**, pois que **a morte não há**, é 'só' a que resta desse morrer impossível. Assim como o **princípio de realidade** decorre do **princípio do prazer**, como sobejo se sabe. É que a só realidade, feita de tudo que há, se acha submissa ao absolutismo da ALEI –  
que se enuncia **Haver desejo de não-Haver**<sup>1</sup>. Pouco importe para nós que existam **buracos negros** ou não. Mas a **Estrela Negra**, essa que não-Há mas nos atrai assim mesmo, como a grande **Causa** única de qualquer moção... Não havendo não-Haver, pelo menos **de fato** ali no duro do Primário, como é evidente, então a Pulsão esbarra nisto e não pode senão revirar, adentro do seu próprio curso, para então tornar a voltar, tentando sempiterna só cumprir ALEI, repetindo e repetindo a sua vocação. **Obrigaçãõ de repetição** (*Wiederholungszwang*) que, afinal, não é outra coisa senão a propriíssima **pulsão**, modelo adequado e efetivo de todas e quaisquer repetições que, aliás, não fazem outra coisa senão repetir e repetir, através das formações do Haver, aquela originária petição. Pois é. É simples assim desde que Freud, embora um pouco tardo em sua fabricação, pôde notar o que advém afinal a seu inocentado **princípio do prazer**.

# 2. Cumprisse-se, não ALEI, mas o desejo que nela se exara, como gozo impoluto, sua 'energia livre' e sua passagem a não-Haver, e Tempo não haveria, como tudo aliás, ou como nada. Trezentos mil quilômetros por segundo é só meia quisquilha perante a corrida da Pulsão em seu estado puro – o **Tempo absoluto**, tempo do **gozo absoluto** que não haverá de ser topado. Mesmo a da luz, tal como pela ciência concebida, ela ainda se envisca, pois que 'energia ligada'. Como **pulsão**, sumiço de qualquer Tempo pensável, o átimo, mais do que de tudo a nada, pois que de Haver a não-Haver, nem mesmo zeraria, vez que nem zero haveria para contarmos... sua história sabidamente tão farta. Mas se não há não-Haver, então ALEI se cumpre – inexorável, indefectível – na sustentação inarredável, inelutável (não de um

desejo impossível, mas) de um desejo **de** impossível que estilhaça nossa cara, nossa caríssima unidade, em fractálias do Haver, estas agora **gozáveis**. E aí o Tempo surge.

\* Publicado em LETRAS – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS) jul-dez 1997, p. 55-72.

<sup>1</sup>

E assim se estenografa: AÃ.

**#3.** Maneira de dizer, que o Tempo surge, porque ele sempre lá estava, e tão conspícuo, uma vez que **não há passe** e que o Haver, desde sempre e para sempre, consistiu deste **outro** lado – que é o **mesmo** que habitamos e onde pensamos que o pensamos, mas que nada! Ou quase nada. Pois mais é que o sonhamos segundo as formações de que dispomos – como supostos adimplentes gnômones que para nós o revelassem. Mas **formações** (deixo isto para outra oca-sião) **reparáveis** (reparemos bem nisto).

**#4.** Impossível **definir** o Tempo? Mas é claro, mas é claro, mas é claro que não. Aliás não há mais o que fazer a respeito de Tempo – que por si mesmo, como **fato**, nunca é infinito, pois que, para nós, ele sofre escansão. Mesmo defini-lo como ‘infinito’ já é escandir alguma sua suposta unitária feição. Mesmo a supô-lo transcendido para além das formações, a reger independente e estadeado as variáveis do Haver, ainda que bobagem, é o limitarmos e o prendermos em uma sua nossa de-finição. Mas é claro que ele escapa, igualzinho a qualquer outra formação, de ser apreendido, de inteiro, por quaisquer formações que se queiram gnômones de sua manifestação. De um lado como de outro desses empreendimentos do saber, o que paira são **fatos**, a serem certamente, cada qual a seu modo, inter-ferentes, mesmo por vezes inter-referentes, uma vez que, a nosso ver, **só há fatos, não há interpretações**. O **fato** Tempo não é o **fato** de sua Definição. Mesmo o não-Haver, que não há **de fato** (no primário), porque há **de direito** (isto é, como fato secundário) dele podemos falar e, assim, o definir. O Primário não é o Secundário<sup>2</sup>, mesmo que não sejam heterogêneos quanto a seu modo de se formar<sup>3</sup>.

**#5.** O TEMPO É O ANDAMENTO DE UMA FORMAÇÃO, DA MÚSICA DE SUA RESISTÊNCIA, DE SUA **RESISTÊNCIA** A PASSAR A NÃO-HAVER. **Não passar** mas podendo recair no **vazio** da indiferenciação e na **exasperação da diferença** criadora, quando vibra o Gnoma<sup>4</sup> e se **hiperdetermina** um **evento** como Hora de renovação. Não passar mas se consumir em outros **gozos**, os possíveis gozos de sua trans-formação. Não é o

Tempo que regula a música – é de cada música que emana qualquer Tempo, o de sua **duração**, seja música nova ou de repetição. Não é o *monumento* que dura no tempo, é o Tempo que dura no *monumento*. No compulsório da pulsão, é a repetição que faz o Tempo, não é o Tempo que faz a repetição.

2

No sentido do vocabulário da **Nova Psicanálise** (Cf. meus **Seminários** a partir de 1986). Neste sentido, o **Primário** (composto de **Autossoma** e **Etossoma**) é o que vem escrito na ‘imbecilidade cósmica’ (Nietzsche, **Aurora**, fragmento 130) como no vivo; o **Secundário** sendo o campo disso que comumente chamamos de simbólico. *Nova Psicanálise, Made in Brazil*, é algo que se ousa na esteira de uma herança rigorosa, apesar da **Católica Apostólica Freudiana**, da **Universal do Reino de Lacan** e de outras **seitas menores** mas não menos campeãs.

3

Eles diferem é quanto a seus materiais.

4

Não só não necessito como dispenso determinada e terminantemente o termo de **sujeito**, termo este francamente compromissado com certa linhagem filosófica que acabou por conseguir o poder de forçar a redução da experiência psicanalítica e de sua decantação teórica. Isto porém não é necessário, como também essa tal via não se impõe inarredável. O termo de **Gnoma** não vem, de modo algum, meramente substituir o de Sujeito: trata-se de bem outra formação. Assim como o termo mais indicativo de **IdioFormação**. (Cf. meus **Seminários** mais recentes). O Gnoma não é Sujeito, porque não é o *subjectum* de nenhuma Formação do Haver, mas tão somente uma sua **co-moção**. Uma IdioFormação não é Sujeito porque é tão somente uma Formação do Haver **eventualmente co-movível**, na sua *ratio* de Gnoma, pela HiperDeterminação.

#6. Esse **tempo absoluto** de que falo é aquele que unifica os outros todos. Mas sem jamais amestrá-los. Que sim os esvazia segundo uma **indiferença**

que nada tem de *apatia*. Mas sim que referida à **hiperdeterminação** que, então, a exaspera como a **diferença pura** – essa que, parálem das ‘internas’ do Haver, entre Haver e não-Haver nos angustia. E esse Tempo é simples **referência**, mas **só depois** de uma certa **experiência**, passada então a essa estrita categoria. Assim, não há Tempo ‘exterior’ ao Haver. Portanto, não há também questão do seu **começo**. Todo Tempo lhe é ‘interno’: imanência radical. Qualquer Tempo é só uma de suas formações, quer dizer, a pura e simples **resistência** dessa formação. Entre Haver e não-Haver, abolidas as resistências das formações, não há Tempo nenhum a ser considerado, senão esse inconsiderável e imprevisível Tempo absoluto e intátil do sumiço ou da suspensão. O Tempo ‘outro’, isto é, aquele *mesmo* que há, só é considerável, previsível quiçá, segundo as oportunidades das aplicações de formações a

formações, com a decepção roendo seu entendimento e sua notação.

#7. Fazer alguma ‘previsão’ do Tempo só pode ser considerar os meteoros, cada qual nos impondo sua atmosfera singular. Tarefa dificultada pelo Caos que às vezes se apodera de alguns fluxos ali, mas que faz Tempo também durante as turbulências do entender. Sujeito a chuvas e trovoadas, a tem-pes-ta-des de não se conter, o Tempo desacata nossos cálculos e desarvora os gnômones dos sóis. Tão bom que o Português equivoque seu Tempo, diversamente dos distintos *weather* e *time* do trinchante Inglês: que na língua já se sente o gosto mesmo de cada formação, como fruto de sua estação no seu modo próprio de Haver, e fruto que se pode *saber*. O Tempo, como só poucas vezes se diz, é sempre *meteórico*, da doída pedrada do monólito ao arco-íris da pacificação. Sabê-lo no Primário, sensação, não é sabê-lo no Secundário – quando passamos discorrentes do Haver ao Ser.

5

“Lembre-se, o universo não se expandiu num espaço existente depois do big-bang: sua expansão criou o espaço-tempo à medida que se processava”. SMOOT, George. e DAVIDSON, Keay. **Dobras no Tempo** (1993). Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 307. Assim como no *monumento* não erigimos um nosso encontro com a Morte (Heidegger), mas a perplexidade de sua não-havência – isto é, aquilo que Freud quis chamar de *castração*, a qual, como afirmamos, não passa da queda da reversão em irreversão, da perda de simetria em sua quebra agoraqui inapelável e irredimível. E Cioran: “a música é *tempo* sonoro” (*Oeuvres*, Paris: Gallimard, 1995, p. 367).

6

Ver este conceito em meus **Seminários** a partir de 1986.

7

Quando éramos crianças, nos era dado um sabonete grande e duro, chamado **Vale Quanto Pesa**, capaz de **resistir** à nossa teimosia em não sair de dentro d’água. Com ele nós pudemos sapremar o Tempo: o **dura quanto banho do vale quanto pesa**.

#8. A estrutura do que acontece **só-depois** (*Nachträglich, keit*), que tem ela a ver com Tempo, senão o fato puro e simples de alguma obrigatória sucessão? Quer dizer, o só-depois não é, como se glosou, a temporalidade mesma do Haver (ou do Inconsciente, como se apostou). E quando se o pespega a alguma idéia de Tempo, é a de algum **relógio crônico** e externo que se está impondo ao simples fluxo de sua fila indiana por se recorrer. Foi no sentido da não-universal hegemonia deste relógio que Freud nos apontou a acronia e reversibilidade que apontou. O Tempo da fala, da escrita, da caminhada, de um per-curso enfim, é dali mesmo que ele roreja, e não o contrário, como a gente se enganou. Sem o **antes-ainda** não há o só-depois, quando se trata, digamos redundantemente, do diacrônico, melhor: do linear, do serial, do melódico, do diatônico, da seqüência enfim; e não do sincrônico, quer dizer:

do espesso, do harmônico, do sinfônico, do simultâneo então. Aí também não é o Tempo que determina a sucessão, mas sim o sucessivo que secreta o Tempo de sua duração. É claro que tudo isto convive em acordo primal com a **Flecha do Tempo**, lateralizada e **irreversível** durante todo o périplo do Grande Meteoro, o Haver em cada sua plerômica estadia, no asserto da sua própria temporada, porém só **antes ainda da intempérie do seu completo Revirão**.

#9. Mas o Tempo de Haver, com sua flecha, então ele não é definitivamente irreversível? Pois não, pois não, pois não porque não. Se estamos por agora mergulhados num universo (entre muitos ou um só, pouco ou nada isto aqui nos importe) que durará quantos zilênios para revirar, então tudo bem. Mas a irreversibilidade de sua atual situação não condiz muito bem, a longuíssimo prazo talvez, com a existência, no seu próprio seio, de nossa revirante cabeça,<sup>8</sup> mesmo quanto a passado e futuro, “simetria de direito e dissimetria de fato”, de nossa fabulação reversível, responsável pelas nossas inventices, secundárias é claro, mas capazes de intervir proteticamente no Primário (ou então não existe o avião). E isto, com ou sem *Princípio Antrópico* para asserenar a nossa preciosa sensatez. O que, aliás, é o estatuto mesmo do **trágico**, conforme alhures já iniciei: a disjunção, insuportável e irresolúvel, entre **um fato** agoraqui irreversível e sua reversibilidade proposta pelo **outro fato** de nossa desejosa imaginação. Quando isto tem jeito, foi-se o trágico – e comparece a **criação**.<sup>9</sup> Mas só-depois de uma rigorosa suspensão: por indiferenciação .

8

BEAUREGARD, Olivier Costa de. In LAUTMAN, Albert. **Symétrie et Dissymétrie en Mathématiques et en Physique: LE PROBLÈME DU TEMPS**, p. 234. In *Essai sur l'Unité des Mathématiques et Divers Écrits*. Paris: 10/18, 1977, 319p. Monografia hoje clássica para a história das ciências, mas superada pela paradigmática atual.

#10. O agora famoso ‘**tempo lógico**’, de Lacan, tem nada a ver com Tempo senão o **custo** de uma duração. Trata-se mesmo é de um aparelho de decisão – mas decisão sem cálculo, insopitável, ou pelo menos sem cálculo final. E, como tudo naquele medievo Lacan (isto é, dele mesmo em sua própria média idade autoral), estritamente subdito aos remelexos da chicana judiciária (donde o gosto por Gracián), único recurso, em última instância, de qualquer aparelho que se escore estrito no ‘simbólico’, aliás obscenamente jurídico por ali (tara geral do falecido estruturalismo de múltipla feição). Donde a *ilusão de justiça* (Kelsen) que se pode conseguir, por ‘interpretação’, assim no foro como no divã. Não foi por menos que se tornou necessário o último Lacan: aquele fernanden-riquemente propugnando pelo seu Real – apesar de

enrascado nos seus nós. Outra coisa é a ‘sessão curta’, filha da rápida seção – antes ainda que se aumente demais o visgo daquela transação. Não se pode acusar Lacan dessa tolice, se não oportunismo ou impostura, de juntar ‘tempo lógico’ com a rapidinha psicanalítica, logo ele que soube denunciar o impropério da associação<sup>10</sup>. O ‘tempo lógico’ pode (e costuma) esperar horas, dias, semanas, meses, anos, décadas talvez – e não serve de desculpa sofisticada e teoretizada para as ganâncias denegadas do extorquês.

**#11.** Outra coisa também é a série triádica de Lacan, esta sim, de certo modo efetivamente crônica, do *instante de ver* seguido do *tempo para compreender* terminado pelo *momento de concluir*, na qual só não há concomitância do primeiro e do terceiro termos *por causa* do **Tempo da estupidez**, esse que **passa** pela **resistência** à concepção: resistência de quantas formações a assimilarem tantas outras formações.

9

Nietzsche: “Há cumes da alma desde onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica”. **Paralém de Mal & Bem**, fragmento 30.

10

Tempo nenhum, esse ‘lógico’ mais se aproxima do araque (*al arak?*), como na estorinha árabe da escolha de um entre *Os Três Noivos de Dahizé* para a princesa, narrada n’*O Homem que Calculava* (Capítulo XXI), que líamos em nossa adolescência, e onde o Professor Mello e Souza, nosso **Malba Tahan**, o ensinou a Lacan que o teria ‘esquecido’ para lembrar-se *vagamente* só-depois, como de algum ‘argentino’ quem sabe talvez. Se não por nada, como ‘mera curiosidade’, posso declarar que foi uma conferência desse mesmo Professor sobre *A Topologia da Banda de Moebius*, que assisti, no auditório da Academia Militar de Agulhas Negras, no primeiro semestre de 1957, a primeira das duas referências que me fizeram mais tarde me interessar pela visada de Lacan. A outra foi um artigo de Otto Fenichel que li em 1962, *The Symbolic Equation: Girl=Phallus*, publicado nos seus *Collected Papers* de 1954 pela Norton de NY. Este corretamente apontado por Lacan, pois não se tratava de nenhum autorzinho obscuro de *là bas*. Como soe acontecer nessa pobre e parasitária mentalidade de colonialismo cultural – por parte de uns patetas que só porque querem e porque são nisto ajudados pelos seus próprios colonizados, se consideram de *là haut* – colonialismo ainda em franco exercício por debaixo dos propalados globalismos pós-modernos atuais.

**#12.** Os relógios do Haver são cada uma e toda formação. Os **da psicanálise** também. Só que ela os trata como **bombas-relógio** – a serem desmontadas **se e quando** se puder, e se é que o devam ser. Este o trabalho perigosíssimo da ‘cura’, risco maior de analista e analisando, e que não é toda vez que surte

efeito, embora surte mesmo alguma vez. Entre o surtir e o surtar, ali se sobrevive vez a vez.

#13. Na lida da cura, há gente p. ex. que supõe – e achando nisto façanha – que há um tempo específico para a **psicose**, o que certamente a caracterizaria se comparada com as outras mazelas supostamente mais comuns se não mesmo mais normais... do psiquismo, estas empastadas no tempo quotidiano

<sup>11</sup> das nossas mesmadas bobagens . Como se cada **formação** não tivesse o seu próprio, seja ela qual for, seja ele o que quer que se torne. Como se a dita psicose, surtada ou não, não fosse mais freqüente, mais comum, do que sua manifestação mais grave, ou pelo menos mais notória se não apenas mais espetacular, pode fazer à nossa ingenuidade parecer. (Do mesmo modo, não muito longe disso, que há gente, vê se pode!, que arruma todo um ‘*museu do inconsciente*’, como se houvesse algum outro, bem no meio do vasto, geral e irrestrito **museu do inconsciente** verdadeiro: tudo isso que se espalha pela loucura de todo e qualquer mundo). É claro que o **vetor** da psicose é ao

<sup>12</sup> contrário, regressivo , mas isto não faz um Tempo ‘mais diferente’ do que os demais encontráveis por galerias e galeras do nosso *pathos* (des)comunal. Mais engraçado (ou não) é quando um temeroso temerário se desbraga a respeito do Tempo da malfadada, malfalada e maltratada ‘perversão’, lata-de-lixo errôneo-e/ou-pseudo-conceitual dos alarmados com a impotente ruindadezinha de suas neurosezinhas **analitizadas** (como quem diz *politizadas*) pelo mero convívio discursivo entre os ‘pós’, claramente <sup>13</sup> afastados de qualquer adequada e eficaz intervenção .

<sup>11</sup> Chaim Samuel Katz: **Temporalidade e Psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 7 a 40.

<sup>12</sup> Conforme já mostrei no *Seminário de 1992, Pedagogia Freudiana*, RJ: Imago, 1993, p. 38 a 83.

<sup>13</sup> Por exemplo, o que acontece nesses Helsingör só pode mesmo ser é gozação. Há hojendia um fenômeno editorial, recente na colônia mas velhusco nas cortes, de intensiva e expansiva reciclagem do rebotalho acadêmico, até que competente para justificação eventual, perante os forçados dos contribuintes, das tais bolsas ‘de pesquisa’ raras vezes eficaz. Trata-se propriamente do que podemos chamar de Efeito-do-Pós. Não exatamente igual aos efeitos do pó, mas não tão diferente. Como que um verdadeiro efeito-placebo da cafungagem intelectual. Respira-se gesso e se fica trincado e loquaz, a ponto de se excretarem lautas laudas de dispensáveis pseudo-brilharecos universitais.

#14. É no *Primeiro Mestre* que alguns encontram razões para seu destamano temporal. Acoimar tanto Freud <sup>14</sup> de tapado ou de tonto, ou pelo menos mais que o merecido, pode ser esse jeito de catar nos seus refugos (cartas a fulanos, prefácios a sicranos, admoestações a beltranos) momentos mais preciosos de seus teoremas do que os que ele encampasse, de bom grado, para sua obra como tal por ele reconhecida (e mesmo ali, que não se presume demais). Apesar de supostos atofalhos, denegações, recalcamientos, etcéteras: que se podem imputar a qualquer impunemente (naturalmente que só depois do próprio mestre supracitado). Quando invento destalado tal bossa ou tal atalho, por que não havê-los por meus mesmo, em vez de encasquetar, de qualquer jeita, debitá-los a mestres ou predecessores, e por vieses espúrios? Por que cartas a Fliesses, *cento e doze* ou mais quantas elas fossem, diriam melhor de *suas memórias* do que todo o exarado pelos textos perfilhados? Há bobos para tudo! Inclusive bobos para lembrarem que há bobos para tudo. E melhor: por que mesmo achar obrigação de achar de tudo em Freud? Como se já não valesse a sua baita sacação, para ainda termos de lhe cobrar pleno rigor e plena consistência em toda e cada mínima fração de suas tentativas de explicitação daquele susto. Como já pus de outra feita, nesse garimpo sem mais ouro outro que o já mais ou menos afoitamente recolhido, já se faz é só lama quando abusam desse modo no bateio. Então, coragem!, psicanalistas e teóricos: vão perscrutar outras minas, e não recidivar nos mesmos veios, aliás há certo tempo que esgotados. Receita: não confundir, na tolheita, o nome da impotência com o da castração.

#15. O *Segundo Mestre* parece mais benfadado a todo tipo de indébita propriacitação. Um ‘retorno a Lacan’, se não para nada, pelo menos para se informar sobre o que foi mesmo que ele disse, e até onde mesmo é que ele foi, já se faz necessário. Não é preciso mais esperar, ‘a respeito’, nenhum maior *tempo para descompreender*.

#16. Reclamam de Freud não ter deixado nem um livrinho, um artiguinho, uma notinha, sobre o que fosse o seu Tempo na Metapsicologia. É porque ele não fosse assim tão leso – e bem sabendo que, como o Diacho de Rosa, Tempo, este, sozinho, solteiro, cidadão, ele não existe não. Existe é formação formada: resistência. O Tempo como **efeito** do Haver e das modalidades que todas juntas o compõem.

#17. Um desses efeitos, o mais freqüentemente maltratado, é a chamada **eternidade**: devaneio que nos fascina e nos oprime, como uma benção ou uma maldição? Não. A eternidade não é uma ilusão. Muito ao contrário, é uma realidade temporal (quer dizer, resistente) que não é prêmio, mas condenação.

Escamoteá-la é tapar com peneira a luz aguda de uma **ferida narcísica** que talvez nos seja de todas a pior: a de que não estaremos, algum dia e desde algum lugar, em condição de sermos os felizes contempladores de nossa então comple-ta finição. Pois que **a morte não há** significa ‘apenas’ isto: que não estaremos presentes ao (para cada um de nós mesmos apenasmente suposto) nosso fim, o que quer dizer que viveremos, cada um de nós, **para sempre**; que estaremos, cada um de nós, **eternamente** presentes ao nosso caso de Haver. *Per omnia secula seculorum* é do tamanho de nosso Tempo de ‘**hação**’, do primeiro (mas não há primeiro) ao... já ia dizer *último* ‘**hato**’ de nossa *performance* (para não dizer *representação*). Assim como está escrito na suposta sepultura de Marcel Duchamp: “São os outros que morrem, aliás”. Quem sabe não é este o sentido primaz do ‘eterno retorno’ daqueloutro colega malucão?

14

As asneiras de Freud são apenasmente as asneiras de Freud. Qualquer geniozinho, de todo calibre e de qualquer campo, também diz asneiras de montão. Mas não é por aí que se avalia a sua força e o seu tamanho. Como ensinava aquela menininha de J.G. Rosa, personagem de estória, “é melhor falar bobagens do que calar besteiras” – conforme preconiza a própria psicanálise, pelo menos para pôr em futurível a ‘saúde mental’ do freguês. Melhor avaliar pelo poder de sua **fixão** (a fixação de uma ficção, em função da grandeza de sua questão).

15

**#18.** Nada mais *Un-heimlich* do que esta notável sensação: de que não teremos o sonhado descanso em nenhum *home* ou *chez soi* **lá fora**, assim como, **cá dentro**, em nossa **casa**, no recesso mesmo deste nosso **lar**, o que temos é o cansaço eterno, in-ter-mi-ná-vel, de não podermos escapar de uma vez ao malestar. Donde o ato-falho exemplar do **suicida** – que Lacan malentendeu. Mas se no suicídio – que não faz cessar o Tempo – não se pode encontrar nenhum sucesso exemplar (como queria Lacan), nem por isso o ato recai sob juízo, pois que escapa vez por todas à nossa apreensão. Bem outra coisa é a eficácia, para vivos, de sua sueta e safada proibição.

**#19.** De tudo que se **passa**, hojendia, talvez não haja nada mais importante, ‘para compreender’, do que o Tempo mesmo, podem crer. Um senhor escritor

16

acaba de nos cutucar sobre o que possa ser, hojendia, efetivamente **revolucionário** (afora as “revoluções” da nova ascensão da mentalidade nazi-  
17  
fascista, dos mercados mundiais e da economia virtual ). “Achar seu próprio tempo nessa espatifação do tempo, esta é a grande aventura, e isto é o que eu tento viver, pensar, e relatar. Que esta aventura é revolucionária, quer dizer, violentamente oposta, mas com calma, às ‘revoluções’ de aparência ou neo-fascistas, me parece evidente. Que meus amigos possam duvidar disto, é muito

natural. Mas, os inimigos, eles não duvidam não”.

15

Segundo o teor próprio desta **Palavra-Revirão**.

16

SOLLERS, Philippe. **Picasso Avec Sade**. Entrevista a Jacques Henric, in **Art Press**, Paris, Dezembro de 1996, p. 30s.

17

“Muitos indivíduos atraídos por esses mercados, disse Keynes, são de natureza dominadora e até psicopata. Se suas energias não encontram uma saída ganhando dinheiro, podem voltar-se para carreiras que envolvam crueldade gratuita e desenfreada. É muito melhor absorvê-los em Wall Street ou na City londrina do que no crime organizado”. Isto se pode ler à p. 18 do livro de Paul ORMEROD, de 1994, **A Morte da Economia**, publicado aqui pela Cia. das Letras em 1996. Entretanto não seria de modo algum estranhável num livro sobre Psicanálise. No caso da Economia, vamos ver então o que vai acontecer quando acabar a festa neoliberal. No da Psicanálise – mas ali a coisa é de estarrecer –, quando é então que vamos ver?

Entendamos, então, que nem toda **resistência** é francesa, ou exclusividade de qualquer distinta nação. Que podemos retomar o nosso Tempo em nossa mão, ou melhor: que **nosso Tempo É nossa mão**. Mas será bom não esquecer por aí que vai uma distância enorme entre a resistência compulsiva, apenas sintomaticamente ressentida, e a **resistência assumida**, isto é, reconhecida porque trazida à nossa chance de escolha em conscientização. É assim que podemos saber se a Psicanálise, afinal de contas, serve para que.

18

#20. Vou então retomar por um pouquinho<sup>18</sup> o **reparável** das **formações** (que havia deixado e ainda deixarei para depois<sup>19</sup>). De sua noção é que dependem **os relógios da psicanálise** em seu funcionamento e em suas marcações.

O tempestivo da clínica **tem que** ser curtido antes-ainda do intempestivo da suspensão (onde vigora o ‘interno’ da **indiferença** e o ‘externo’ da **exasperação**). Para que, só-depois, o agora clareado retorno à comunidade do Haver, com suas diferenças em competição, nós o possamos exercer, engajados por que não?<sup>20</sup>, mas então já ‘operados’ pela hiperdeterminação.

“Que agora tudo tem medida e mede-se ao bípede celeste do tamanho do infinito: o infinito que ele teve<sup>21</sup> e vai tentar trocar pelo que é breve”

É aí que as formações podem ser **reparáveis**: no duplo sentido de serem

notadas e de sofrerem reparação. Sofrerem reparação e serem notadas **umas pelas outras** – pois que não há nenhum ‘sujeito’, aí nesse negócio, a sarrá-las de cima como dono gaudêncio da situação.

#21. Sem ‘sujeito’ nenhum, mas passíveis de **eventual** comoção pela hiperdeterminação (isto é, uma epifania do **Originário**), as Formações do Haver, sejam elas **Primárias** ou **Secundárias**, em nada heterogêneas mas tão somente que trancadas pelo <sup>22</sup>*lock* de sua própria programação, cada uma delas é um **fato** por si só, mesmo quando a pomos para funcionar como ‘conhecimento’ ou ‘interpretação’. Da falta de nosso entendimento resignado deste fato, nos advêm malentendidos de montão, nos sobrevêm senagraçamentos a granel.

18

Para melhor entendimento, ver o termo de **Gnômica** (que vem em substituição a *Teoria do Conhecimento*) em meus **Seminários** mais recentes.

19

Cf. #3 supra.

20

Afinal de contas, “l’inconscient est structuré comme on l’engage” ou não é? Ultimamente ele tem sido engajado pela “linguagem”. Não é à toa que Fredric Jameson (**Pós Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**, São Paulo: Ática, 1996, p.325) pode nos lembrar: “Mesmo se o Grande Irmão não estiver vigiando você, a Linguagem está”.

21

TOLENTINO, Bruno. **A Balada do Cárcere**. Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, p. 69.

22

No sentido, p. ex., dos ‘cadeados’ da Informática.

#22. Motivo nenhum para ficar envergonhado de nossa herança cósmica ou animal. O Primário é a Sede mesma do nosso Secundário e do nosso Originário. <sup>23</sup>*O pudenda origo* é o escambau! Foi só assim que aconteceu a gente aparecer Gnoma por aqui. **Mas foi assim Gnoma que a gente apareceu!** Apesar do neo-etológico, se não mesmo neo-zoológico da situação. E pouco importa quando e se acharmos os colegas de silício ou de latão: nós também somos ETês. Mas não vamos fingir não estarmos refertos dessas todas multifárias formações com as quais, inevitavelmente, então saibamos compartilhar **as temporalidades**, recalçadas ou não, que vazam pelos furos da higidez dos nossos teoremas, com seus ‘*significantes*’ feitos da mais *pura* matéria da nossa... mais idiota denegação. <sup>24</sup>As palancas, recalcentes, fincadas na (nossa) imbecilidade cósmico-carnal , são retardos da ALEI, **resistências**

que **contam** nosso Tempo só porque **o são**. Mas resistências removíveis (qual o custo é bem outra questão) no movimento mais ou menos vagaroso, menos ou mais pressuroso, de nossa aplicação. Mas jamais as removeremos se delas não tivermos a mais límpida noção.

**#23.** Motivo também nenhum para vergonhas por nossa herança cultural. O Secundário se decanta, é claro que também a partir das formações que o Primário oferece, de graça, como exemplares facilitações. Mas é ele que força, por via de HiperDeterminação, as novas consecuições, as **próteses** – de qualquer índole, de qualquer material – que se inauguraram por todo o seguimento de nossas transações através da epopéia que nos trouxe até nós. Mas é de nos envergonharmos, sim, quando restamos, novos-macacos, subhumanos (ou senão apenas humanos demais para alguém de alguma suposta vocação de super-homens), afeitos à verdadeira **neo-etologia** das nossas assentadas formações culturais (essas ditas ‘simbólicas’) enquanto metáforas (quer dizer, sintomas) já de longa data defastadas de seu fulgurante e epifânico momento de aparição. Esse é o Tempo resistente da Imbecilidade e não o Tempo (também ele resistente, mas *enriquecedor para mais que inovador*) do acontecimento como **criação**. Também as palancas, recalcanes, fíncadas também na (nossa) imbecilidade cultural, também são retardos da ALEI, são também **resistências** que também **contam** nosso Tempo só porque também **o são**. Mas como aquelas do Primário, e bem mais facilmente talvez, são removíveis pelo nosso tesão.

Reparemos bem em cada formação, de qualquer nível e com suas infinitas possibilidades de trans-ação – e aí talvez possamos reparar, ocasião por ocasião, formação a formação, nossos saberes sempre provisórios, porém jamais de se jogarem fora, segundo um **pragmática** eficiente porque radical. Esse reparo integral é o que pode resultar cabalmente para nós, não em ciência, não em filosofia, não em religião, mas na **arte total** de uma **trans-**

**formática** final. Quem sabe não é este o conceito acabado de **comunicação**?

23

Nietzsche, **Aurora**, fragmentos 42 e 102.

24

Cf. Nota 2 supra.

**#24.** O Tempo de Haver é o Tempo do Suicídio da Borboleta (seu nome grego <sup>26</sup> é *psiquê*), quer dizer, o Tempo é o que Ela dura, entre fúnebre e etérea, desejando não-Haver. Então os Tempos da Psicanálise (que são Fatos), dentro do Tempo de Haver, como os outros Tempos quaisquer inaugurados ou inauguráveis, são afinal aqueles Mesmos de outros Sempres – que fundados

27

pelo Poeta se no Haver decantados: *Was bleibet aber / Stiften die Dichter* .  
*Die Dichter*, quer dizer, OPOETA. Opoeta é só HUM – embora possa exhibir  
zilhões de bocas – Primárias, Secundárias – de gritar, de dizer e de calar. O  
seu nome é GNOMA em nosso vocabulário especial,  
GNOMAGNOMAGNOMA<sup>28</sup> por extenso e em conformidade com a  
reiterativa repetição. Que cada vez mais humanos, à sua vontade, tenham  
acesso a Isso que os compõe – e que os especifica como Os Tais.

#25. Amém.

Recreio, Revirão 96/97

25  
Cf. Meu Seminário de 1996, “*Psychopathia Sexualis*”, onde introduzi a noção de uma  
**Transformática**, cujo nome, em emulação com o da Informática, indica a **trans-ação**  
generalizada de toda e qualquer com qualquer e toda Formação do Haver, de qualquer  
nível, de qualquer extração.

26  
Cioran: “A vida é etérea e fúnebre como o suicídio de uma borboleta”.  
(*Oeuvres*, cit., p. 361).

27  
Hoelderlin.

28  
Eu também ‘sou todos os nomes da história’, da geografia, da biologia, da  
cosmologia, etc., etc.